

# **ESTAÇÕES DA PAIXÃO**

I

I

A morte nada quis de mim  
sabe que de tudo estou despojado

II

Eu vou-te amar sem poder ver  
quem me dera já poder morrer

### III

Quem me dera ser na tua primavera  
a flor das tuas coxas, dos teus beijos,  
dos teus seios, dos teus flancos,  
dos teus anseios.

### IV

As minhas palavras nascem com olhos  
abertos e caminham sós, morrem e fenecem  
mas logo renascem, sofrem e esperam por mim  
para elas o seu vinte e cinco de Abril  
de mim, são independentes.

V

Do sofrimento nasce o pensamento  
e o protege como o espinho a pétala da rosa.

VI

Se os teus dentes fossem  
brancas pétalas de rosa  
quando nos beijásse-mos quem ficaria  
com os espinhos?

## VII

Agora vivo porque não vivo  
minha sem razão é a tua razão  
imerecida.

## VIII

Vamos amar-nos, numa união perfeita  
como a do caule com a pétala das flores.

IX

Minha tua boca, teu nosso sexo,  
seríamos um.

X

Mete-se o cadáver na pança  
nasce uma criança.

XI

Se antes de amares não te derem  
uma lambidela sentes-te comida  
como um bife sem molho.

XII

“O erro de Damásio”, disse Descartes,  
mas não é óbvio.

### XIII

Em breve irei morrer  
o meu tempo terminou  
com que saudade antes mesmo  
de acontecer.

### XIV

Para os dissuadir o governador  
não lhes ofereceu só poemas  
ofereceu também jantares com  
breves encontros das coxas debaixo da mesa  
e não eram rãs.

XV

O ciciar da tua voz ao meu ouvido é um grito  
lancinante e pujante meu sexo logo ocorre.

XVI

Se a morte e a vida se repetissem na mesma pessoa  
ninguém quereria uma eternidade para si.

XVII

Daqui para diante não serás minha amante  
daqui para trás só tu saberás.

XVIII

Sob as árvores seculares  
fazemos amores singulares  
posso imaginar o resto  
dá-me a tua boca.

XIX

Ah, se eu fosse tu  
com que ternura sensual  
me estenderia a mão.

XX

Dá-me o teu coração  
eu fá-lo-ei viver dentro do meu.

XXI

O calor do amor dilata certos corpos  
senão estão mortos.

XXII

Não peço a tua mão  
dá-me todo o teu corpo.

XXIII

Nem Vimeiro, nem Vidago, nem Luso,  
a água em que prefiro banhar-me  
nasce das tuas glândulas de Bartholin.

XIV

Os óculos escuros que não uso  
ocultam a minha melancolia  
a tua gratidão é veemência que  
eu não quero ver.

XXV

O melhor anel para o meu dedo é  
do teu corpo.

XXVI

Há sempre um Deus que dita as palavras,  
elas não são minhas  
só tenho que as escrever.

XXVII

A luz e a escuridão são um par de enamorados  
sempre a cobrir um o outro.

XXVIII

Não ter coragem é como não  
ter medo e fugir.

XXIX

Se o sol escurecesse a luz das coisas  
e a noite iluminasse o teu sonho  
seria luz.

XXX

O meu Boeing 757 voa num espaço interior  
dá as voltas que lhe disser e aterra onde eu quiser.  
de vez em quando vou ao aeroporto vê-lo subir  
para muito alto e bem distante desta terra asfixiante.

XXXI

Deixa que sinta o teu calor  
vais aliviar a minha dor.

XXXII

São vagas do mar  
são nuvens a passar  
nelas eu vou buscar a força  
para percorrer o teu túnel  
no final fica a tremular a minha  
bandeira apesar de não  
haver vento.

XXXIII

Os peixes nadam no mar  
as aves voam no ar  
o meu no teu sexo.

XXXIV

Não penses que te amo por inteiro  
sem a sensação não há atracção.

XXXV

Se te contradisser vou-me  
encontrar comigo mesmo.

XXXVI

A beleza dos teus movimentos  
é mérito do teu esqueleto encantador.

XXXVII

A beleza do teu corpo é quanto me basta  
da tua alma nasce a contradição  
e um desanimado abandono.

XXXVIII

Com que ânsia tão raiva eu  
quero aquele outrora  
dá-mo agora.

XXXIX

Lá fui enganada outra vez  
disse ela quando nasceu o seu décimo segundo filho  
do seu décimo segundo homem.

XL

A tempestade passou, o meu coração  
ficou arrasado sem desespero nem esperança.

XLI

Como um automóvel eu possuo a estrada  
com rodas de borracha assim  
a sua lembrança será como  
amor bem embrulhado.

XLII

Gosto de passear com ar tranquilo  
com amor sangrando  
na imensidão a vaga parece um  
lago sereno numa noite sossegada.

XLIII

São leves os passos com que caminho  
o meu destino está florindo.

XLIV

Dá-me o teu coração essa  
é a mão da tua alma.

XLV

Seja sim ou seja não  
esta será a tua condenação.

XLVI

Quisesses dar-me a vida ou emprestar-ma  
renasceríamos juntos, agora na mesma idade.

XLVII

Todo o projecto tem o seu começo  
e não é raro que não tenha um fim.

XLIII

Dizendo adeus a nós mesmos  
ficamos separados  
por um mar sem fim  
nem toda a terra é bastante  
para chegar junto de ti.

XLIV

Os teus braços entrelaçados  
as pernas enroscadas  
tornam impossível o amor  
como se fôssemos dois vegetais  
presos a torrões distantes do teu jardim.

XLV

Aquela estrela ali é a mira  
da espingarda com que vou ser fuzilado.

XLVI

Vamos bem agarrados ao morto como num funeral,  
Dizendo condolências um pelo outro.

XLVII

Tudo o que ter queria dar estava sobre a mesa  
agora que te apossaste sem eu saber  
já não poderás levar-me a mim  
vamos dizer adeus a nós próprios.

XLVIII

Tal como no amor amassa-se o pão,  
põe-se a levedar e leva-se ao forno,  
vai ficar muito grande e quente.

XLIX

Brindemos pelo prazer possível  
e por esse amor impossível.

L

Quando ele morreu  
ela ficou apaixonada pelo morto,  
não era terno mas era eterno.

LI

O governador decretou: passa a ser proibido amar  
ao domingo em público, em especial nas partidas  
e chegadas do aeroporto.

LII

Estás preso numa cela de paredes nuas  
e brancas, atravessa-las com a tua cabeça  
não eram senão de cartão.

LIII

Não se queira que a águia de tão belo voo  
não tenha garras nem um bico voraz.

LIV

Como dois lapões vamos presos pelos pulsos ao volante  
a morte vem na contra-mão.

LV

Namorei um poeta  
e não sabia  
como poderia imaginá-lo  
lembrando as discussões sem pés  
nem cabeça que tivemos,  
disse Dinamane.

## **CANÇÕES DE PORTALEGRE**

I

I

Corre depressa até ela antes que se vista e produza.

Beija-a como o vento Norte enche a vela,

aperta-a contra ti num sobressalto constante

ou como o vento Sul tropical, que ela sinta a tua doçura e humidade

ou como o vento Oeste levanta as ondas em sobressalto, perturba-a,  
provoca o seu desassossego.

Ou como o vento Leste, fá-la vibrar

caminhando como um ébrio em charcos de água.

Por último canção, que ela te sinta como se imaginasse

a volúpia da partilha do seu amor.

Silêncio, canção

## II

Derrotado, vencido em todas as guerras

desanimado, arrasto-me

de memória em memória

como se caminhasse

num campo de urtigas

Só tu, canção

és a memória

do que poderia ter sido

e não foi, nem será..

### III

Com a tua imaginação do azul

faz um céu qualquer

E do verde um mar encapelado

Do ocre a praia tropical

Mas junta-lhe a sintaxe

do seu corpo

e o sentido do seu terno sorriso

que me ignora

Canta, canção.

#### IV

O comboio corre veloz na linha do Norte  
em direcção ao Porto

Sento-me no bar onde tudo treme, o vinho parece prestes a entornar-se.

O ambiente está quente e agradável  
mas pela frincha da janela entra um jacto de ar frio.

Eu sei o meu caminho  
mas de tanto o percorrer  
constantes solavancos me desviam e desequilibram.

O murmúrio tranquilo da marcha  
o balançar suave e regular  
estimulam a minha imaginação.

São sobressaltados  
pela passagem estridente  
do comboio em sentido contrário  
que se cruza na linha ao lado.

Diz-lhe, canção, que a amo com doçura  
nesta viagem agreste que não consigo controlar

Diz-lhe que a amo, canção

V

As agrestes rochas mergulham nas mansas vagas de um mar tranquilo.

Só a branca espuma dá notícia do conflito.

Diz-lhe, canção, que também assim o meu amor é silencioso.

## VI

Como um cavalo à solta o meu pensamento corre  
pelos verdes campos e os caminhos que conhece  
são apenas o rasto daquilo que já foi.

Como a quilha do barco deixa como efémero sinal  
uma breve esteira e o avião traça no céu  
a curta memória da sua rota,  
assim tu também, canção,  
canta o meu sereno esquecimento

## VII

Como em Granada a cascata corre  
na moldura traçada no muro,  
também o turbilhão dos meus sentimentos  
tem que aceitar a forma daquela que os recebe.

Esclarece-a, canção para que não cometa  
mais erros dolorosos.

O rio sereno corre como um espelho  
parece o asfalto polido da auto-estrada.

Mas o meu coração está perturbado  
como um animal selvagem que adivinha  
o sobressalto da tua presença.

Diz-lhe a verdade, canção,  
se as minhas palavras fizessem um vestido de frases  
eu cobrir-te-ia com ele  
para, silenciando, ver-te na tua nudez esplendorosa.  
Canta a sua beleza, canção.

## VIII

Como numa oração eu ergo os olhos para ti  
mas serenidade é só ilusão.

Canção, diz-lhe a verdade, eu tremo de desejo.

Atravesso o rio no meu barco

tento com todas as forças chegar à outra margem.

Para quê, canção, se só me lembro da margem que deixei?

Olho para a paisagem muda, procuro ouvir a sua voz  
mas só entendo o que vejo.

Se a minha imaginação entende o seu sentido  
diz-lhe que a adivinho, canção.

IX

Liguei a televisão mas só ouvi a voz  
dos que nos querem enganar.

A sua imagem detestável já pertence ao passado

Diz-lhes que já morreram, canção

X

Até nos pântanos se esconde a vida  
como pode a maior perfeição nascer da podridão?  
Diz-lhes, canção, que tudo é verdade.  
Diz-lhes, que a própria sujidade  
se viver, pode ser bela.

## XI

Nuvens brancas correm no céu azul,  
nuvens cinzentas deixam encharcado o meu corpo.  
Mas a minha mente não quer escolher.  
Diz-lhes que embora me custe eu quero saber a verdade.  
Não te esqueças de lhes dizer, canção.

## XII

O som distinto do violino e a suavidade da flauta  
são os teus cabelos desganhados,  
o som doce do oboé  
é o meu grito de amor apaixonado  
e o som grave da trompa  
o nosso momento de entrega final.

### XIII

Hoje quero fazer amor mas só tenho o amor

falta-me a companhia de outro desejo.

Malbaratei o que nem tive, nem me poderias dar

porque nunca tive nada que não me fosse dado.

#### XIV

Os gestos dela são tão ternos como a sua voz, canção,  
e ardentes porque carnis e a sua espiritualidade  
só refina a sua sensualidade e o meu desejo.  
Baixa a tua voz, canção, sussurra o meu desejo.

XV

O rancoroso Inverno pintou de cinzento e chuva  
o azul do céu, não te posso tocar  
com as minhas mãos geladas.

Então os meus olhos percorrem o teu corpo  
e desenham-lhe os contornos.

Mas há mais, eles inventam  
imagens de alegria que só há no céu  
onde os anjos dançam bentre a música e o rumor  
de cabriolas de jazz com que as almas puras se divertem.

## XVI

Caminhas como um barco  
branco navega serenamente  
no mar agitado.

Procuro o alto da falésia  
e contemplo a guerra entre as ondas.  
A espuma é só ruído branco silencioso,  
sangue das altas ondas que se agridem  
com estridentes gritos.

Caminhas até ao porto e aí repousas tranquila  
na tua amarração matrimonial sem romance mas segura.

## XVII

A música é mais bela e mais sonora perto de ti,  
por isso criei-te à tua imagem e semelhança.

A música é uma arquitectura no tempo,  
ficas cercada de edifícios em perpétua variação,  
a esbelta coluna é a imagem do teu corpo visto por dentro.

XVIII

O céu azul sem tecto é a tua alma

vista por fora

Pigmaleão precisou dos deuses para tê-la.

A mim, basta-me que queiras ver-me.

## XIX

O vento Norte é mais rápido que ele próprio  
quando navegamos contra ele, à bolina.

O vento Sul é terno e temperado,  
tem um humidade sensual.

O vento Oeste levanta cortinas coroadas de espuma  
que te encham de sobressalto.

O vento Leste cria covas onde o teu barco cai  
como se caminhasse numa vereda pedregosa.

Mas a memória do teu amor  
é como a breve esteira do barco  
que no mar logo se apaga  
ou o rectilíneo rasto branco do avião  
que depressa se transforma no azul do céu.

Só me resta a memória  
implícita dos teus movimentos

Só me resta a imagem  
explícita dos teus gestos,  
às vezes diapositivos sem movimento nem sentido.

XX

Silencioso é o monte, senão cheio de ternos murmúrios  
ou gritos de contemplação feliz

O ruído dos automóveis e dos aviões é apenas lixo  
que se tornou terreno fértil onde cresceram as árvores  
e cantam as flores da nossa ternura reencontrada.

XXI

De ternos abraços é feita tua amável recepção  
e a espera por ti, longamente ansiada.

Como pode então a perfídia insinuar-se  
e simular amor onde só há ódio?

Que surpresa, a contradição do teu amor verdadeiro.

XXII

Canta, canção, canta o rio da paz  
e faz que corra só para mim onde a pomba levanta voo  
para pousar no teu ombro.

XXIII

E no entanto amor é possível, como se a voz nos fugisse  
e livre cantasse a nossa sem razão feliz.

#### XXIV

Nem tudo vai mal e como impera o teu espírito prático  
vamos ao centro comercial, tua sala de estar sem intimidade,  
o teu medíocre lugar de ambição.

Mediocridade disfarçada que se te impõe como coisa valiosa,  
como assinares um cheque para insinuares que ocultas  
a tua fortuna sem cobertura.

XXV

Estou invadido por uma onda de bem estar  
um optimismo sem razão e sem objecto concreto  
como se a dor fosse uma recompensa negativa,  
um sofrimento que consuma uma perda sem esperança  
Tanatos substitui Eros.

XXVI

Com uma navegação tão difícil  
eu sigo o teu sorriso até onde posso  
Como podes ser tão iníqua  
que me exijas que desvende  
o teu caminho que tu própria desconheces?

## XXVII

Levanta todos os teus depósitos de amor a prazo  
depositados no meu banco  
porque está a falir.

Tens uma vida à tua frente  
podes recomeçar tudo daqui a dois anos.

Mas para onde terá ido tanto amor, canção?

Felizmente resta-nos o prazer.

XXVIII

Sigo o meu caminho solitário  
ninguém me quer por companhia.  
Será amor, canção, o que me faz  
cantar só para mim?

XXIX

Que ternura tão suave,  
que voz tão meiga, canção,  
Que humanidade tão calorosa,  
dela não podemos lamentar a sombra  
porque a luz também a ilumina.

XXX

Estou só e não posso comunicar  
esgotei todos os plafonds possíveis  
E o fax está desligado  
porque não paguei as contas  
Só me resta sonhar o teu sonho

XXXI

Amor é só lembrança fugidia  
porque quando se tem, hoje se perde.  
Por isso matamos amor  
fazendo viver para além de um agora  
o que só tem eternidade por um instante.

### XXXII

Também quando escuto a tua voz doce  
me pergunto que críticas mordazes  
e dissabores estás acumulando  
numa conspiração que só se vai revelar  
quando eu imaginar que está tudo bem  
e tu me insultes com raiva, escárnio e sem perdão

### XXXIII

Para ser amado exprime com veemência o teu amor,  
enleia os movimentos da tua amada nos teus  
e toca com eles o seu coração  
e quando a tua palavra silenciosa já foi ouvida,  
retira-te para que ela a possa entender  
e, sentindo desejo de repeti-la,  
se lance nos teus braços sem querer.

#### XXXIV

Se a árvore encobrisse o alto da montanha e as nuvens  
e se da espessa neblina nascesse o rio que corre até nós  
e se a tua forma fosse o teu significado para mim,  
o nosso encontro essencial e íntimo  
estaria consumado mesmo sem nos tocarmos  
Só faltaria o ritual, agora já inútil  
depois de nos termos possuído no nosso verdadeiro ser descoberto.

XXXV

Canção, meu dócil falcão de caça  
procura a tua presa  
e não escolhas demasiado bem  
porque a vítima ao ver-se cativa  
vai condenar o seu idoso captor,  
piedosamente,  
a uma prisão perpétua  
para que a possa manter  
para sempre prisioneira.

XXXVI

Que doce murmúrio o das tuas palavras  
Que água cristalina corre pelo teu jardim  
Que flores encontra nele a leve brisa  
que transporta o teu perfume até mim,  
e me chama pelo meu nome.

XXXVII

Canta, canção canta a minha solidão

O Sol não nasce sempre a Oriente,

muitas vezes nasce no teu corpo.

Não tenho que interrogar-me onde estás,

sinto o teu calor sobre mim

e tu estás distante como uma luz longínqua e solitária,

num céu sem estrelas e sem esperança.

XXXVIII

Meu Deus, ainda és sonho, por onde andarás?

Transfiguro a Natureza à minha volta

e nela estou presente como um acordar feliz

em que se transformou a beleza do teu corpo.

XXXIX

O mais doce e voluptuoso  
é o amor feito consentido  
pela pessoa amada  
que o prazer torna numa eternidade  
que não será senão instantes.  
Por isso os amantes abraçados  
esperam que o prazer  
os conduza de novo à eternidade.  
A desejada eternidade de um instante.

XL

Para quê mentir ...

A alma do nosso amor tem duas mãos, dois pescoços,  
duas cabeças, quatro pernas e quatro braços.

Para o consumarmos no nosso Schell

eu ocupo o lugar avante e tu à ré.

As pás dos remos vão paralelas

junto à água para, de repente,

se virarem e ficarem perpendiculares,

mergulharem e logo partirem num novo

voo como andorinhas com sede.

Tu controlas o leme com os teus pés mas

o verdadeiro timoneiro é o deus Príapo.

XLI

O deus do amor é um grande rio  
que subitamente transborda  
invadindo os jogos da tua infância.  
Para não te afogares, abraças-te a mim,  
para fugires à grelha que te abrasa  
cais nas próprias chamas.  
Quase te sufoco para te fazer respirar  
mas para mim o melhor  
é quando encosto a cabeça ao teu coração  
e assim beijo o meu próprio amor dado por ti.

XLII

O mar entrou pela terra, apagou o reflexo das lagoas  
e deixou fósseis, conchas e animais marinhos  
com estratos de calcário.

Dez mil anos depois, o escultor lembrou-se da tua imagem em pedra.

Mas a ti eu quero-te sempre bem viva e ardente  
na lisa areia que o mar deixou como nosso leito nupcial  
apagando todas as palavras do poeta.

XLIII

Para quê mentir-te,  
a chama do meu pensamento  
constantemente te atraiçoa.  
Amando a tua memória  
sorrio guiando-te pelo fogo  
de um inferno desejado  
onde ardo por não te ter.

XLIV

Dá-me o texto da tua esperança

eu vou lê-lo no teu corpo.

Os gestos parecem inúteis,

são o pré-requisito

para vencer o teu não

que logo é sim, prometido.

XLV

Seguro com firmeza

nos meus punhos a pega da asa delta.

Corro pelo terreiro do Castelo de Marvão contra o vento

até à margem que logo se afunda para a muralha lá em baixo.

As correntes ascensionais fazem-me subir acima das próprias aves,  
agora já as vejo por baixo de mim.

Na doce paisagem de Portagem

os teus olhos são o espelho azul metálico da barragem da Apartadura

os teus seios são as verdes colinas

e os campos cultivados

são o piercing do teu ventre

A tua mão segura as minhas

para que não me despenhe

no meu sonho.

XLVI

Se te disserem que te traí,  
pensa que se te traísse  
era a mim mesmo que me trairia  
e não a ti, porque amando-te  
mais do que a mim mesmo  
e levando-te dentro de mim,  
eu erguer-me-ia contra  
mim próprio, sendo-te fiel  
na parte que em mim és tu.  
Ninguém mais me poderia possuir,  
qualquer que fosse a sedução,  
seria essa a sem razão  
da tua razão.

XLVII

Quando me vêem contigo,  
na minha modesta condição,  
não pensam na imagem que trago comigo.

Quando olho para ela  
eu procuro trazê-la à vida  
mas a onda do mar em que o faço  
só me traz grãos de areia  
dos teus cabelos  
e nenhuma lembrança  
do teu calor  
ou dos doces movimentos  
do teu corpo.

Fico silencioso dentro de mim  
e por ti tão inútil  
como uma pintura bela  
escondida entre as páginas  
dum livro esquecido  
na tua grande biblioteca

XLVIII

Se eu fosse só eu, seria derrotado.  
Mas sou-o também na memória de ti  
e essa parte invisível de mim  
nasce da lucidez da  
tua benévola lembrança  
È da tua generosidade  
que nasce a realidade  
que não tenho.

XLIX

Até mim mesmo, digo  
quando, como de outrem,  
me separo de ti  
e um laço invisível  
preserva em ti  
a minha integridade  
que logo recupero  
quando me vejo contigo.

L

E se não dissesse que sim  
quando digo que não  
seria tudo igual ao mesmo  
que já é  
quando me falam mal de mim.

LI

Ténue neblina enche o horizonte  
é a camisa de seda branca da noite.

Afinal só te adivinho  
e por não te ter, te tenho  
mais do que se te tivesse tido  
canta, canção,  
sem cantar minha solidão.

LII

O leão na savana  
repousa a sua sede  
na humidade da noite.

Mas logo o Sol  
aquece a tua sede de sangue  
para não devorares  
os teus próprios filhos  
que as suas leoas guardam  
com coragem.

Da gazela  
na manhã ouve  
os temerosos passos  
junto ao rio bebendo água,  
logo é despedaçada  
num festim  
onde o vinho é  
um rasto roxo de sangue.

LIII

De súbito o latifúndio  
é o que mais amas,  
é nele que assenta  
a tua promoção  
que deitada não podes alcançar.  
Apesar de mim mesmo  
eu vou amar a tua beleza venal  
como a de uma estátua  
bela mas dourada.

LV

Como te quero tanto  
não te quero.

Assim preservo a tua liberdade  
de não seres para mim.

Assim o destino me livra do teu amor.

Opressão disfarçada de ternura.

Que bela frente

que pena não ter cérebro.

LVI

Lancei as cartas em cima da mesa  
não quero jogar mais  
neste jogo eu perco sempre.  
Mas logo o desejo  
faz nascer o dever de as levantar  
não por necessidade  
mas por vontade de amar.

LVII

São quatro horas da manhã  
está na hora de trabalhar.  
os meus altifalantes lêem Beethoven em voz alta  
da minha solidão irreparável eu sou  
a única testemunha viva.

### LVIII

Às vezes esqueço-me de mim  
quando dou por ti estás a meu lado  
na verdade tu estás só  
eu não passo de um sonho  
de que me lembro pela manhã.  
Tu estás e não estás a meu lado  
numa proporção esquisita  
mas não importa,  
é assim um casamento.

## **DOIS POEMAS DE RAIVA E DESOLAÇÃO**

## **Acerca de escravos**

Estamos em Lagos, cidade de escravos coberta pela cor verde do mar. Do fundo chegam os gritos, os sons doridos que passam através das grades do mercado de escravos. Esses gritos atravessam a enorme massa que os separa do mundo e rebentam em vagas escuras de intensa espuma branca feita de sofrimento.

A mulher passa, a mulher pára, ela vê o escravo e diz: “Para que quero outro homem se este poderia fazer-me escrava e tornar-me livre.” Do mar chega o ruído das naves, dos comerciantes muçulmanos que vieram de Marrocos. Vêm carregar escravos descobriram que são muito mais baratos os escravos em Lagos. É muito mais barato ir buscar os escravos a Lagos do que ir à Guiné, e por isso eles são a maior fonte de riqueza para os cristãos de Lagos.

Na auto-estrada do Infante os carros já não transportam os Deuses de outrora, na Ponta da Piedade só as gaivotas esvoaçam como ratos do mar. E as únicas pessoas livres são as mulheres brancas e vermelhas que vieram do norte.

A voz esganiçada das mulheres de Lagos torna-as detestáveis e a vulgaridade do que dizem é consumada numa completa ignorância. Os homens só se redimem no negócio, na burla, no baile e na usura.

Os filósofos especulam, em Lagos os terrenos são especulados, em Lagos nada presta, nem o clima, nem as mulheres, nem o som das ruas, nem o ruído do mar. Lagos é tão má que nem existe, passaram a chamar-lhe terra sem nome.

Mas logo tu chegas e me forças a viver a minha vida. Eu não tenho tempo para viver a minha vida. Eu não gosto de te fazer escrava na necessidade de ser escrava. Os teus olhos brilham, tens a necessidade de me fazer escravo para não te sentires atraída. Eu recuso-me e faço-me escravo da minha recusa. Tu partes e eu fico livre. Fico escravo da minha liberdade. E se houvesse escravatura de não haver escravatura, de não ser possível nenhuma escravatura, então tu terias o teu lugar em vez de seres um provinciana de Lagos. Assim és escrava de teres liberdade e se encontras algumas palavras belas é porque és escrava da tua beleza e se te adoro sou escravo da minha falsa esperança de te libertar da tua escravatura. Nada há que eu possa opor quando te tornas escrava e gritas que estás escrava e isso te torna feliz. No entanto tu sabes que não tens nada a ganhar em fazeres de mim escravo. É bom que te possas tornar escrava de outras pessoas, de outros ignorantes, podes voltar a ser escrava como eras dantes. Mas se tu agora partiste e vais ficar escrava, perda que em mim se desenha, talvez nunca mais te tenha, talvez que importa, vou ficar livre para uma nova escravatura.

As pessoas estão inquietas. Pode ser que consigam. Sabem que libertar-me de uma escravatura é crer estar seguro que vou ser escravizado por alguém anónimo e desesperado, alguém que acredita que é possível evitar a escravatura. Mas não, essa é a regra da nossa vida.

Em Lagos há peixes mas a sua escravatura é o cheiro terrível da sua morte e da sua solidão. É como se fosse um corpo depois de ser amado, que fica suado e que nós temos que suportar escravizados, para não ofender as nossas escravas.

As nossas escravas têm o direito de ser escravas, elas reclamam-no, quem me dera que a minha escravidão fosse amor, e que algum escravo me desse de volta o meu ser que tenho vindo a perder. E se tens a ilusão de que me tens na mão por te fazer escrava eu digo-te, tu já estás livre e perdeste por isso o valor. Procura os teus escravos, entrega-te a eles e a escravidão dos escravos é a liberdade dos escravos vista ao espelho, que troca o lado das coisas.

E as tuas palavras continuam a falar de amor, mas para quê?

Tudo perdeu a sua inocência, as pessoas que nos olham acham estranha a nossa insistência, elas sabem que vamos falhar, elas ficam felizes por não conseguirmos ser escravos um do outro, escravo da perda, da solidão.

Não mais!

Não mais!

Tu não vais voltar, se voltares já não voltas escrava e não sendo escrava, não tens liberdade. Tu vais aprender todas as liberdades e isso vai-te fazer perder a liberdade de ser escrava. Tu não consentes essa liberdade e fazes bem. Foi assim que foste educada, a não ser amada, a ser explorada e a imensa qualidade do teu ser que poderia ser a tua escravidão, assim mal educada, transforma-se na tua liberdade, isto é, no fim da liberdade da tua escravidão. Tu pensas que é bom, ou não tens essa ilusão, ou não sei o que tens, tens o não amar, tens o não perder. Os nossos amigos olham-nos como se estivéssemos podres como queijo deixado em cima da mesa numa tarde de verão. Eles não suportam a ideia de nós podermos estar podres e não cheirmos como eles. Tomara ser uma faca que os cortasse como um queijo para depois barrar o pão para deitar fora como se deita um preservativo depois de uma paixão consumada.

Ah, se eu ainda tivesse a esperança de não te perder não ficaria escravo de mim mesmo.

## **Bucaneiro**

Desembarcámos em São Domingos, alugámos três Hiaces. Dividimo-nos em três grupos de dez e partimos para Rui Vaz para atacar a Quinta da Montanha. Logo que passámos pela estrada que leva à mansão do presidente, descemos dos carros e prosseguimos a pé e eu como comandante ia no último grupo para proteger a retaguarda, para nos expormos menos. Já perto da Quinta da Montanha, começaram a surgir vestígios de sangue fresco e logo percebi que no grupo dos mais jovens alguém se tinha irritado e morto algum dos nativos. É gente nova e sem experiência, praticam violências incríveis. Temos que os desculpar, logo aprenderão. Quando chegámos à Quinta da Montanha, corpos jaziam mortos no solo, havia uma enorme mancha de sangue como se fosse de uma ou mais mulheres menstruadas. Apesar da bela cor vermelha que começava a escurecer fiquei enjoado com tamanha crueldade gratuita e logo regressámos a São Domingos para fazermos o que mais nos importava: apossarmo-nos do tesouro dos Jesuítas. Partimos então para a Cidade Velha onde ainda hoje se albergam os estudos dos Jesuítas. Na verdade os Jesuítas instalaram-se na orla marítima da Ilha de Santiago para vigiarem o tráfico de escravos e daí tirarem vantagem, garantindo a percentagem que lhes cabia. Atacámos a Cidade Velha que já estava esperando por nós, mas com os canhões todos apontados para o mar. Escalámos a fortaleza que tem as muralhas baixas e acessíveis e matámos toda a guarda, nenhum

ficou para contar. Cercámos o seminário e sem poucos minutos eles renderam-se. Ficámos assim com a possibilidade de os ouvir a todos sem excepção. Reunimos os seminaristas no grande pátio e propusemos que partissem connosco à aventura. Recusaram a oferta. É gente capada e sem ambição, até parecem portugueses. À riqueza e à aventura preferem trabalhar como funcionários públicos. Mandámo-los em paz, porque ao contrário de tudo o que se diz, nós os bucaneiros não somos cruéis, se matamos é porque necessitamos de dinheiro, tal com fazem os Ingleses e Americanos. Procurámos o Geral dos Jesuítas e encontrámos o homenzinho a tremer. Disse-lhe: Dá-nos o dinheiro que tens no pote e salvas a vida. Tens a minha palavra de bucaneiro com princípios. Recusou. Mandeí então que o despissem do tronco até à cintura e que o açoitassem com cem chicotadas até que falasse, mas nada disse. Desanimados os dois, ele e eu, mandei-o pendurar pela cintura na verga da vela grande a cinquenta pés de altura. Gritava aterrorizado e lívido proferia orações religiosas, mas nada disse. Mandeí que estendessem uma prancha para fora do barco, por onde teria que caminhar próximo do lugar onde nadavam tubarões. Chorava desesperado, mas nada disse. Convinha mantê-lo vivo e logo o recolhi para dentro do barco. Levantámos ferro, as velas encheram-se com o vento fresco da tarde e partimos. Mandeí que o amarrassem pela cintura e o atirassem para dentro da água para atrair a atenção dos tubarões. Chorava já sem esperança, mas logo tive que o recolher pois parecia que os tubarões o achavam tão atractivo como um atum e eu precisava das suas informações. Se o dinheiro vale para ele mais do que o seu corpo e a sua vida, que se passará com a sua alma? Como fazê-lo pecar e perder a vida eterna? Assim ele confessará aquilo que preciso ouvir. Mandeí que o despissem e que trouxessem uma bela crioula. Ele, não deslumbrado, chorava enquanto ela despindo-se até ficar nua sorria maliciosamente. Ordenei que o possuísse. Ele chorava e ela ria muito divertida, sentada em cima dele. Subitamente aconteceu o inesperado: ele atacou-a com o sexo e ela começou a gritar com prazer. Já íamos no quarto orgasmo quando os meus homens disseram isto não é tortura, antes pelo contrário, isto é doçura. Alertei-os para o facto de que na religião dele, se morresse naquele momento, iria para o inferno porque estava a cometer voluntariamente o pecado da carne. E assim não iria para o céu. Mas não falava, parecia que o dinheiro, que aliás não era dele, era mais importante que a salvação da sua alma. Subitamente desmaiou e não voltou mais a acordar sem que tivesse revelado o segredo. Que a alma do homenzinho descanse em paz! Entendi então que me tinha enganado na minha previsão: no recto entendimento de bucaneiro com princípios, eu

pensei que ele queria salvar o dinheiro mas também a sua alma. Mas não era verdade. Afinal o seu Deus verdadeiro era o dinheiro. Ele não tinha que salvar a alma, porque antes tinha que salvar o seu Deus. Foi assim que falhou a nossa expedição a Cabo Verde.

Se for necessária qualquer explicação para o meu ponto de vista, eu diria que sou bucaneiro, tenho princípios, fui educado em Cambridge, Massachussets, no MIT., tenho uma conta no City Bank e já não sou súbdito de Vossa Majestade. Renuncio ao meu cargo de bucaneiro. Agora vou ser súbdito de Durão Barroso, aquele da cimeira dos Açores de tão bela memória. Talvez me dêem trabalho, irei assaltar alguma ilha parecida com Cabo Verde junto dos petróleos. Parece que lá também não chove.